

mente, as coisas se mostraram diferentes do que poderia ter sido previsto (por qualquer pessoa): são mais originais, mais específicas, mais variadas.

Se tivéssemos ignorado ou esquecido esse fato, nos teríamos assemelhado àqueles “velhos bolcheviques” que, mais de uma vez, desempenharam um papel tão lamentável na história de nosso partido, repetindo uma fórmula sem sentido, *aprendida de cor*, em lugar de *estudar* as características específicas e novas da realidade prática.

“A ditadura democrático-revolucionária do proletariado e campesinato” já se tornou uma realidade através da revolução russa. Essa “fórmula” vê apenas a *inter-relação de classes*, mas não vê a *instituição política concreta que dá efeito* a essa inter-relação, a essa cooperação. “O Soviete dos Representantes dos Trabalhadores e Soldados” — temos aí a ditadura “democrático-revolucionária do proletariado e campesinato” já transformada em realidade.

Essa fórmula já está antiquada. Os acontecimentos a afastaram do reino das fórmulas para o reino da realidade, revestiram-na de sangue e carne, deram-lhe forma concreta e *com esse ato mesmo* a modificaram.

Temos à nossa frente uma nova e diferente tarefa: provocar uma separação, *dentro* dessa ditadura, entre os elementos proletários (os elementos antidefensistas, internacionalistas, “comunistas”, que são a favor da transição para a comuna) e os elementos *pequeno-burgueses*, ou pequenos proprietários (Chkheidze, Tseretelli, Steklov, os socialistas-revolucionários e outros defensistas revolucionários que se opõem ao movimento no sentido da comuna e defendem o “apoio” à burguesia e ao Governo burguês).

Quem falar, *agora*, de uma “ditadura revolucionário-democrática do proletariado e campesinato” está, tão-somente, atrasado em relação à época, e conseqüentemente *terá passado* para o lado da pequeno-burguesia, contra a luta de classe proletária. Merece ser relegado ao arquivo das antiguidades “bolcheviques” pré-revolucionárias (que poderá ser chamado de arquivo dos “velhos bolcheviques”).

A ditadura democrático-revolucionária do proletariado e campesinato já se tornou realidade, mas de forma extremamente original e com várias modificações importantes. Delas me ocuparei numa de minhas cartas subseqüentes. No momento, é essencial compreender a verdade incontestável de que um marxis-

ta deve tomar conhecimento dos fatos reais, dos fatos precisos da *realidade*, e não apegar-se a uma teoria passada que, como tôdas as teorias, na melhor das hipóteses apenas delinea o que é principal e geral, e apenas *se aproxima* de uma percepção global das complexidades da realidade viva.

“A teoria, meu amigo, é cinzenta, mas verde é a árvore eterna da vida”.

Quem continuar a considerar a “consecução” da revolução burguesa *ao modo antigo*, sacrifica o marxismo vivo a uma letra morta. Segundo a concepção antiga, a função do proletariado e campesinato, sua ditadura, pode e deve vir depois do Governo da burguesia.

Mas, na realidade, a situação já se revelou diferente: um *entrelaçamento da ditadura do proletariado com o Governo da burguesia*, extremamente original, nova e sem precedente, teve lugar. Lado a lado, existindo juntos e simultaneamente, temos o Governo da burguesia (o Governo de Lvov e Guchkov) e uma ditadura revolucionário-democrática do proletariado e campesinato, cedendo a segunda, *voluntariamente*, o poder à burguesia, e *voluntariamente* transformando-se num apêndice da burguesia.

Não devemos esquecer que em Petrogrado o poder está, praticamente, nas mãos dos trabalhadores e soldados: o novo Governo não usa e não pode usar a violência contra eles, pois não há polícia, não há exército à parte do povo, nenhum funcionalismo colocado onipotentemente acima do povo. Trata-se de uma realidade, e de uma realidade característica de um estado do tipo da Comuna de Paris. Esse fato não se enquadra nos velhos esquemas. Devemos saber como adaptá-los aos fatos, e não repetir palavras relacionadas com uma “ditadura do proletariado e do campesinato” *em geral*, palavras que perderam o sentido.

Para esclarecer melhor a questão, vamos abordá-la de outro ângulo.

Um marxista não deve abandonar o terreno sólido da análise das relações de classe. A burguesia está no poder. Mas não será *também* a massa dos camponeses uma burguesia, apenas de uma camada diferente, de um tipo diferente, de um caráter diferente? Segue-se, daí, que *essa camada não pode* ascender ao poder e assim “consumar” a revolução burguês-democrática? Por que isso seria impossível?

É assim que argumentam, com freqüência, os velhos bolcheviques.